

UM VISITANTE NOTURNO

**ARTHUR CONAN
DOYLE**



FREE BOOKS

ARTHUR CONAN DOYLE

UM VISITANTE NOTURNO

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS

CRIME - SUSPENSE

Título: UM VISITANTE NOTURNO.

Autor: Arthur Conan Doyle (1859 – 1930).

Tradução de autor desconhecido do início do séc. XX. A presente narrativa foi publicada originalmente na revista “Leitura Para Todos” (RJ), edição nº 13, agosto de 1920. Atualizou-se a ortografia e fizeram-se pequenas adaptações textuais.

Imagem da capa e ilustrações: Sidney Paget (1860 – 1908).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 36.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* e art. 40, “*caput*” e parágrafo único da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998)

Direitos da adaptação textual: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor

Ano: 2017

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br

www.contosdeterror.site

Sumário

[UM VISITANTE NOTURNO](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

UM VISITANTE NOTURNO

Minha história, contei-a quando fui preso, mas ninguém me acreditou. Conteia de novo, durante o processo. Contei tudo como se havia passado. Deus me defenda!

Pormenorizei tudo: as palavras e os gestos de *lady* Mannering, e minhas palavras e meus gestos. E para que? "O réu fez uma declaração incoerente, inadmissível nos detalhes, e que não repousa sobre nenhuma aparência de prova", assim se exprimiu um jornal

de Londres. Para os outros, foi como se eu não tivesse apresentado defesa alguma. Entretanto, eu vi com estes olhos o assassinio de *lorde* Mannering. Nele, estou tão inocente como qualquer dos jurados que me julgaram.

E já que hoje estás aí, senhor, para receber os requerimentos dos prisioneiros, eis o meu. Peço-te que o leias, somente que o leias. Depois, saberás qual o caráter daquela *lady* Mannering — se é que ela conserva ainda o nome de que usava há três anos, quando, para minha desgraça, a conheci. Encarrega desse inquérito um agente particular ou um advogado, e em breve saberás o bastante



“DON'T BE FRIGHTENED!” SAID SHE.”

para te convenceres de que minha narrativa é a pura verdade. A menor averiguação te colocará sobre a pista. Lembra-te de que o crime só beneficiou essa pessoa, pois que, de uma mulher desgraçada que era, tornou-se hoje uma viúva rica. Tens aí o fio condutor: basta segui-lo e ver aonde ele te leva.

Nota, senhor, que eu não falo de roubo. Não reclamo contra o que mereci, que não foi mais do que merecia. Foi somente o roubo, e paguei por ele com meus três anos de cadeia. Reconheço o furto. Mas, no que diz respeito ao assassinato que hoje faz de mim um condenado por toda a vida — e com outro juiz que não fosse *Sir James*, talvez tivesse ido parar na forca —, afirmo que estou preso sem culpa, e protesto a minha inocência.

Volto à noite de 13 de setembro. Direi exatamente o que aconteceu. Havia passado o verão em Bristol, em busca de trabalho. Pensei que seria fácil achar algum em Portsmouth, pois sou bom mecânico, e pus-me a caminho, cortando o Sul da Inglaterra, ocupando-me de mil negocinhos. Esforçava-me por sair honestamente dos trabalhos, pois acabava de passar um ano na prisão de Exeter Gaol e não me agradava alojar-me em casa da rainha. Mas quem tem o nome manchado faz mal em se empregar. E tudo o que pude fazer foi viver.

Enfim, cerca de dez dias passados a cortar lenha e a quebrar pedras por um salário chorado, achava-me perto de Salisbury com um xelim no bolso e a paciência esgotada. Há, na estrada que vai de Blandford e Salisbury, uma taverna chamada *A boa Intenção*. Aluguei aí um leito para passar a noite.

Estava sentado na sala, completamente só, à hora de fechar as portas, quando o taverneiro, chamado Allen, aproximou-se de mim e pôs-se a falar de gente da vizinhança. Era um homem que gostava de tagarelar. E o fazia tão bem que eu fiquei lá, fumando e despejando um copo de cerveja, enquanto durava o seu discurso. E não prestei muita atenção no que ele dizia, até o momento em que, metendo-se o diabo no meio, ele pôs-se a falar dos tesouros de Mannering Hall.

— Está falando da grande casa que fica à direita, antes de entrar na vila? — perguntei. — Aquela que tem um parque?

— Exatamente. A casa branca de pilares, na estrada de Blandford.

Havia notado essa casa quando por lá passara. E, naquele momento, eu pensara que facilmente uma pessoa poderia introduzir-se nela. Havia expulsado da mente essa ideia, mas eis que agora o hospedeiro a fez voltar com a

enumeração das riquezas.

— Ainda moço — disse ele — o seu proprietário já era avarento. Imagine agora em sua idade! Não impede que ele tenha tido algum prazer com seu dinheiro.

— Que prazer pode ter tido, se não o gasta? — perguntei.

— Ele possui a mulher mais bonita da Inglaterra. Isto pelo menos é um prazer. Ela pensava ter o dinheiro à disposição, mas hoje conhece a diferença.

— E ela, o que era? — murmurei, para dizer alguma coisa.

— Nada, quando o velho lorde fez dela a sua *lady*. Vinha de Londres. Uns pretendiam que ele a havia retirado do teatro. Ninguém sabia. O velho havia passado um ano fora. Quando voltou, trazia uma moça consigo. Ela ainda está lá. Sephens, o mordomo, disse-me uma vez que ela, nos primeiros tempos, alegrava toda a casa. Mas, o procedimento mesquinho de seu marido, a solidão em que a conservava (pois o lorde detesta as visitas), a dureza de suas palavras (pois sua língua é um aguilhão), fizeram com que a vivacidade a abandonasse, e transformaram-na numa pálida e silenciosa criatura, que se vê errar pelos atalhos do campo. Alguns pretendem que ela amava outro homem, mas que os tesouros do velho lorde a tornaram infiel, e que agora conserva o coração despedaçado por ter perdido, sem proveito, um pelo outro, pois com a fortuna do marido poderia perfeitamente passar pela pessoa mais pobre da paróquia.

O taverneiro dizia-me essas coisas e muitas outras semelhantes. Mas as esquecia logo, porque não me interessavam. O que me preocupava era a maneira com que lorde Mannering guardava suas riquezas. Os títulos de propriedade e de renda são simples papéis, e tirá-los é mais perigoso que lucrativo. Mas o ouro e as joias valem bem o perigo. E, então, como que respondendo a meus pensamentos, o taverneiro pôs-se a falar da grande coleção de medalhas de ouro, reunida por lorde Mannering. Era a mais preciosa do mundo. E a prova disso era que, se se pusessem todas as medalhas num saco, o homem mais forte da paróquia não conseguiria, dizia-se, levantá-lo. Então a mulher do taverneiro chamou-o e fomo-nos deitar. Isto não é uma história cuidadosamente preparada para as necessidades de minha causa. Mas, eu te peço, senhor: presta atenção. Interroga tua consciência e diz se poderia haver tentação mais cruel.

Aquela noite estava eu naquele leito, sem recursos, sem esperança, sem trabalho, com o ultimo xelim no bolso. Havia experimentado ser honesto e as

peessoas honestas haviam me virado as costas. Chamavam-me de ladrão e impeliavam-me ao roubo. Arrebatado por essa corrente, não havia para mim meio de salvação. E eis que me aparecia essa pechincha: a grande casa rodeada de janelas, e as medalhas de ouro tão fáceis de fundir! Era como se alguém tivesse estendido uma côdea de pão a um faminto, crendo que ele não comeria! Lutei um momento... mas, basta! Acabei sentando-me na cama, e jurando que naquela noite me tornaria rico e renunciaria para o futuro ao crime, ou conheceria ainda mais o peso das algemas. Vesti-me às pressas, pus um xelim sobre a mesa para o taverneiro e pela janela pulei para o jardim. Um muro alto servia de tapume. Saltei-o com facilidade. Do outro lado, o campo era livre. Não encontrei ninguém na estrada. A porta da entrada estava aberta. No pavilhão do porteiro, ninguém se mexia. O luar estava claro e eu avistava o palácio, muito branco, sob a abóbada das árvores. Andei cerca de um quarto de milha e cheguei a um vasto terreno arenoso, diante da porta principal. Permaneci, ali, um instante acorocado, procurando o meio mais fácil para subir. A janela do canto de um dos lados parecia a menos visível dos andares: ocultava-a uma espessa cortina de hera. Tinha lá as melhores probabilidades de êxito. Protegido pelas arvores, deslizei por trás da casa. Um cão ladrou e ouviu-se o ruído de sua corrente. Esperei que sossegasse, depois continuei a marcha furtiva até a janela escolhida.

É extraordinário que a gente da aldeia não se ponha em guarda contra os ladrões e que a ideia destes não entre nunca em sua mente. A ocasião faz o ladrão quando, ao passar por uma porta sem pensar no mal, este a vê abrir-se sozinha diante de si. Não foi este, verdadeiramente, o meu caso. Mas um simples gancho fechava a janela. Soltei-o com a ponta do meu canivete, levantei a vidraça, introduzi a lâmina no intervalo das persianas e abri. Eram persianas de dobradiças e bastou-me empurrá-las para penetrar no quarto.

— Boa noite, senhor! Seja bem-vindo! —disse uma voz.

Sofri muitas emoções em minha vida, mas nenhuma mais violenta do que aquela. Perto da janela, ao alcance do meu braço, estava uma mulher, que tinha na mão uma vela de cera. Alta, delgada, tinha um belo rosto pálido, que parecia ser talhado no mármore, e seus olhos e seus cabelos eram negros como a noite. Uma espécie de *peignoir* descia-lhe até os pés. E com essa roupa e com esse rosto, parecia um fantasma imóvel. Minhas pernas tremiam e tive que apoiar-me a uma janela. Teria girado sobre os calcanhares e fugido, se tivesse tido forças para isso. Mas mal me sustinha em pé, e fiquei a contemplá-la. Depressa, ela me reanimou.

— Não tenha medo! — disse ela.

Vindas de uma dona de casa a um ladrão, eram estranhas essas palavras.

— Eu o vi da janela de meu quarto, quando se ocultava sob as árvores. Então desci e o ouvi à janela. Eu a teria aberto se me desse tempo. Mas o senhor precedeu-me.

Pegou-me a mão e puxou-me para o quarto.

— Que significa isso, senhora? Nada de gracejos! — disse com uma voz rude, e sei torná-la rude quando quero. — Não estou disposto a deixá-la zombar de mim — acrescentei, mostrando-lhe o canivete aberto com que forçara a janela.

— Não penso em zombar de você — respondeu ela. — Pelo contrário, sou sua amiga e desejo auxiliá-lo.

— A senhora se desculpa, o que é difícil de acreditar. Por que deseja auxiliar-me?

— Tenho minhas razões.

E, de repente, seus negros olhos brilharam de cólera em seu rosto pálido.

— Porque eu o odeio, odeio, odeio! Compreende?

Lembrei-me do que me havia dito o taverneiro, e compreendi. Olhei-a de frente e conheci que podia confiar nela. Ela queria vingar-se de seu marido. Ela queria feri-lo no ponto sensível, na bolsa. Ela o odiava a ponto de perder o orgulho e confiar num individuo como eu, contanto que se vingasse. Detestei algumas pessoas em minha vida. Mas creio que não havia compreendido o ódio até o momento em que vi aquele rosto de mulher à luz da vela.

— Agora confia em mim? — perguntou-me. E outra vez puxou-me levemente pela manga do paletó.

— Sim, senhora.

— Então, conhece-me?

— Suponho quem seja.

— Minhas queixas são o assunto obrigatório da gente desta terra. Mas que importa isso a esse homem? Ele só ama uma coisa na terra, e essa coisa está à

sua disposição. Tem um saco?

— Não, senhora.

— Feche as persianas. Assim, ninguém verá a luz. Não tema nada. Os criados dormem do outro lado. Vou mostrar-lhes os objetos preciosos. O senhor não pode levá-los todos. Escolherá os melhores.

Achava-me numa sala comprida e baixa. Tapetes e peles cobriam o assoalho polido. Pequenas vitrines erguiam-se aqui e ali. As paredes eram cobertas de lanças, espadas, remos e outros objetos semelhantes que se encontram nos museus. Havia aí, também, estofos bizarros, trazidos de países selvagens. A mulher tirou do meio de tudo isso um grande saco de couro.

— Este servirá. Venha. Vou mostrar-lhe onde estão as medalhas.

Pensava sonhar com a ideia dessa mulher pálida que, sendo a dona da casa, me ajudava a roubar sua própria residência. Teria rido, talvez, se, na palidez de seu rosto, não houvesse uma coisa que me impressionava e me amedrontava. Ela deslizou diante de mim como um fantasma, levando o rolo verde de seu pavio de cera, e a segui com meu saco até uma porta na extremidade da sala. A chave estava na fechadura. Penetrei no quarto do lado, atrás do meu guia. Era uma sala vasta, com tapeçarias pendentes que, bem me recorde, representavam uma caça ao veado. E, à luz tremula da vela, seria possível jurar ver os cães e os cavalos saltarem ao longo das muralhas. Não havia outros móveis além de grandes armários de noqueira, ornados de cobre e munidos, no alto, de vidraças, sob as quais eu via alinharem-se as medalhas de ouro, algumas grandes como pratos, de meia polegada de espessura, colocadas todas sobre veludo escarlate e brilhando na obscuridade. Os dedos abriam-se para apanhá-las e já me preparava para fazer saltar uma das fechaduras com meu canivete. Mas a mulher deteve-me o braço.

— Um momento — disse ela. — O senhor tem um negócio melhor. Moedas de ouro não valem mais do que estas medalhas?

— Certamente, disse. É o que há de melhor.

— Bem, replicou ela. Meu marido dorme lá em cima, justamente sobre nossas cabeças. Uma simples escadinha nos separa dele. Há, sob seu leito, uma caixa de folha de Flandres e nessa caixa há bastante dinheiro para encher esse saco.

— Mas como hei de tirá-lo, sem que o homem acorde?

— Que lhe importa que ele acorde?

E acrescentou, olhando-me fixamente:

— O senhor pode impedi-lo de gritar.

— Não, senhora. Isso, não.

— Como for do seu agrado — concluiu ela. — Julgava-o um homem corajoso. Vejo que me enganei! Já que um velho o intimida, é lógico que não pode tirar o dinheiro de sob seu leito. O senhor é o único juiz de seus atos. Mas esperava mais do senhor. E creio que deveria escolher outro ofício.

— Não quero ter um assassinato na consciência.

— Pode tirá-lo sem fazer-lhe mal algum. Quem lhe fala de assassinato? O dinheiro está sob sua cama. Fique aí se lhe falece o ânimo.

Assim ela me excitava pelo sarcasmo. Tentava-me com esse dinheiro que fazia luzir ante meus olhos. E, sem dúvida, teria acabado por ceder, e ter-me-ia arriscado, se, percebendo com que olhos maliciosos e pérfidos ela me via lutar, não tivesse compreendido que ela queria fazer de mim um instrumento de sua vingança, e que me deixava na alternativa de matar o velho ou deixar-me prender. Achou que ia muito longe, pois, de repente, transfigurou-se e sorriu-me. Era tarde: sabia o que devia pensar.

— Não irei lá em cima — declarei. — Tenho aqui o que desejo.

Ela olhou-me desdenhosamente, como nunca se olhou para um homem.

— Que seja! Roube essas medalhas. Preferia que começasse por este lado. Suponho que, uma vez fundidas, terão todas o mesmo valor. Estas aqui são as mais raras e, por consequência, têm para ele maior preço. É inútil forçar as fechaduras. Basta apertar este botão de cobre. Há uma mola secreta. Aqui! Em primeiro lugar este grande. Ele guarda-o como a menina dos olhos.

Ela havia aberto um dos móveis, e todas aquelas preciosidades se me ofereciam. Ia apanhar as medalhas que ela me indicava, quando a vi mudar de cara e levantar o dedo como para me advertir.

— Silêncio! — murmurou. — Que será isso?

Ao longe, no silêncio da casa, ouvimos um rumor surdo e fraco, um rumor de passos. Ela fechou imediatamente o móvel.

— Meu marido! —murmurou. — Mas não se inquiete, arranjurei tudo.

Escondeu-me com o saco na mão atrás da tapeçaria e, alumando com a vela, voltou rapidamente para o quarto donde havíamos saído. Apesar de escondido, continuava a vê-la pela porta aberta.

— És tu, Robert? - perguntou ela.

A luz de uma vela iluminou a soleira da porta do museu. Os passos aproximaram-se, e vi aparecer um rosto: um rosto grande, severo, magro e enrugado, com um enorme nariz adunco e lunetas de ouro. A cabeça inclinava-se para trás, por causa das lunetas, e o nariz era saliente como o bico de um pássaro. Os cabelos anelavam-se em torno de sua cabeça. Não tinha barba. Sua delicada boca, pequena e afetada, dissimulava-se profundamente sob o nariz imperioso. Ele estava lá, com a vela em sua frente, e olhava sua mulher com um ar estranhamente hostil. Vendo-o, adivinhei que era igual a afeição que tinham um pelo outro.

— Oh —perguntou o lorde —, então, que é isso? Ainda um acesso de gênio? Que tens para rodar assim pela casa? Por que não te vais deitar?

— Não tenho sono.

Ela falava pronunciando as palavras com languidez. Se aquela mulher algum dia tivesse sido atriz, não esquecia sua profissão.

— Hás de permitir que eu creia —disse ele com uma voz rude— que uma consciência tranquila é uma boa auxiliar de sono?

— Enganas-te — replicou a mulher—, pois dormes admiravelmente.

— Em minha vida —trovejou ele, e, com os cabelos eriçados pela cólera, parecia um velho papagaio de topete—, só há uma coisa de que me envergonho. Sabes qual? Foi um erro da minha parte. Ela trouxe a punição consigo.

— Tanto para mim como para ti, lembra-te disso!

— Não tens de que te queixar. Eu descí e tu subiste.

— Subi?

— Sim, subiste. Não negarás que se sobe quando se passa do *music-hall*¹ para o *Mannering-Hall*!! Fui um imbecil arrancando-te do teu meio!

— Se pensas assim, por que me prendes?

— Porque um tormento oculto vale mais do que uma vergonha pública. Porque é mais fácil sofrer as consequências de uma loucura do que reconhecê-la. E também porque quero continuar a conservar-te sob meus olhos e a saber que não podes voltar para a companhia do outro.

— Miserável! Miserável covarde!

— Sim, sim, conheço tua ambição secreta. Mas não a realizarás enquanto eu viver. E se voltares para a companhia daquele homem, depois da minha morte, saberei fazer com que voltes ao estado de mendiga. Tu e teu caro Edward jamais terão a satisfação de esbanjar minhas economias. Decide-te. Como me explicas estarem abertas esta janela e estas persianas?

— A noite estava muito quente.

— Cometeste uma imprudência. Sabes que pode haver vagabundos lá fora e que minha coleção de medalhas é incomparável? Tinha igualmente deixado aberta a porta. É este o meio de impedir que roubem minhas vitrines?

— Eu estava lá.

— Sem dúvida. Ouvi mexeres no quarto das medalhas e foi por isso que descí. Que estavas fazendo?

— Que poderia fazer? Admirava as medalhas.

— Curiosidade nova da tua parte.

Olhou-a desconfiado e dirigiu-se para a outra sala. Ela seguiu-o. Constatei, então, uma coisa que me fez estremecer. Havia deixado meu canivete aberto sobre uma das vitrines. Ele estava ali completamente à vista. A mulher viu-o primeiro. Com uma astúcia bem feminina, colocou sua vela de maneira a interpor a luz entre os olhos de lorde Mannering e o canivete. Depois, tomou-o na mão esquerda e ocultou-o na roupa. Entretanto, o velho examinava, canto por canto, toda a vitrine. Houve um momento em que se aproximou de mim até o alcance da mão. Nada indicando que se tivesse mexido nas medalhas, ele examinou, murmurando e praguejando, a primeira peça.

Apenas passada a revista, na primeira colocou sua vela, num canto de uma das mesas, e sentou-se fora do alcance de minha vista. Ela ia e vinha atrás dele, segundo indicava a sombra projetada sobre o soalho pela luz da vela. Então ele

pôs-se a falar do homem a quem chamava Edward, e cada palavra que proferia caía como uma gota de ácido sulfúrico. Falava baixo, de sorte que nem tudo eu podia ouvir. Mas, pelo que ouvia, acreditei que ele não a teria martirizado mais açoitando-a com um chicote. A princípio, ela murmurou algumas palavras. Depois emudeceu, enquanto ele, com sua voz glacial e irônica, continuava insultando, remexendo o passado, torturando, a tal ponto que me admirava que ela sofresse em silêncio. E, de repente, ouvi o velho gritar: "Sai de trás de mim! Deixa-me! O quê! Ousarias ferir-me?!" Ouvi então um ruído característico, uma espécie de choque mole. O velho gritou: "Meu Deus! Sangue!" E arrastou os pés, como se se levantasse. Ouvi um segundo golpe. O velho gritou ainda: "Miserável!" Depois, só veio interromper o silêncio da casa o ruído de um liquido caindo no chão.

Saí, então, do meu esconderijo e, trêmulo de terror, corri para o primeiro quarto. O velho tinha escorregado da cadeira e seu robe de chambre, repuxado, fazia-lhe uma corcova monstruosa nas costas. A cabeça, ainda com as lunetas em seu lugar, inclinava-se para o lado, e a boca pequenina estava aberta como a de um peixe morto. Não via de onde vinha o sangue, mas ouvia-o cair no chão. Ela, de pé, atrás dele, recebia em cheio a luz da vela. Seus lábios fechavam-se, seus olhos brilhavam, um leve rubor subira-lhe ao rosto. Não me lembro de ter visto mulher mais bela.

— A senhora fez isso?

— Fiz —respondeu tranquilamente.

— E agora, o que vai fazer? Vão prendê-la por crime de morte.

— Não se inquiete por minha causa. Nada me prende à vida. Isso não tem importância. Ajude-me a endireitá-lo na cadeira. É horrível vê-lo assim.

Obedeci, não obstante gelar-me tocar num cadáver. Um pouco de sangue caiu-me na mão.

— Agora, pode tirar as medalhas — disse ela. — Tanto faz o senhor, como um outro. Tire-as e vá-se embora.

— Não as quero mais. Quero partir, nunca estive metido em negócio semelhante.

— Que loucura! —disse ela. — O senhor veio por causa das medalhas, e elas estão à sua disposição. Por que não há de levá-las? Ninguém o impede.

Conservava ainda o saco comigo. Ela abriu o móvel e despejamos nós dois uma centena de medalhas no saco. Mas não tive forças para ficar por mais tempo. Aproximei-me da janela, pois o ar da casa parecia envenenado pelo que acabava de testemunhar. Voltando-me, eu a vi ainda de pé, alta e graciosa, com a vela na mão, tal como me havia aparecido. Fez-me um gesto de despedida, ao qual correspondi, e internei-me rapidamente no parque arenoso. Graças a Deus, tenho o direito de jurar, com a mão sobre o coração, que não cometi o crime. Talvez fosse diferente, se tivesse podido ler no espírito daquela mulher. E, sem dúvida, ficariam dois cadáveres em vez de um, naquele quarto, se tivesse podido presumir o que ocultava aquele último sorriso. Preocupado unicamente com a minha segurança, não refleti um minuto sequer na maneira pela qual ela me havia armado o laço. Mas, havia dado apenas cinco passos no jardim, caminhando na sombra das árvores, da mesma maneira por que tinha chegado, quando ouvi um grito, grito capaz de despertar toda a paróquia, depois outro e mais outro.

— Assassino! Assassino! Assassino! Socorro!

E esses gritos de mulher, no silêncio da noite, repercutiram pelos campos. Perturbaram-me o espírito. Num instante, luzes começaram a agitar-se, janelas a abrir-se, não só atrás, no palácio, mas no pavilhão do guarda e nas cavaliças, na frente. Como uma lebre espantada, corri pela alameda, mas ouvi fecharem o portão, antes que pudesse alcançá-lo. Então, escondi o saco num montão de lenha e procurei salvar-me através do parque. Alguém me viu à luz da lanterna e fui imediatamente perseguido por uma dúzia de pessoas, auxiliada por cachorros. Acocorei-me entre os arbustos, mas os cães eram muito numerosos para mim, e só respirei quando chegaram os homens para impedir que me estraçalhassem. Agarraram-me e levaram-me para o palácio de onde eu saía.

— Foi este homem, senhora? — perguntou o mais velho do grupo, que mais tarde soube ser o mordomo.

Inclinada sobre o corpo, ela ocultava os olhos com um lenço. Bruscamente, lançou-me um olhar de fúria. Ah! Aquela mulher é uma perfeita comediante!

— Sim, sim, foi esse mesmo! — gritou ela. — Ah, canalha! Canalha! Fazer isso com um velho!

Estava lá um indivíduo que parecia um oficial de justiça da aldeia. Pôs-me a mão no ombro e perguntou-me:

— Que respondes a isto?

— Que foi ela quem o assassinou — disse, designando a mulher, que nem pestanejou diante de mim.

— Vamos, vamos! Não me enganas! —disse ele.

E um dos criados deu-me um murro.

— Digo o que vi — protestei. — Vi-a dar duas facadas nesse homem. Ela matou-o, depois de me ter ajudado a roubá-lo.

O criado quis bater-me ainda. Ela, porém, estendeu a mão.

— Nada de violências — disse. —A justiça há de castigá-lo.

— Queira Vossa Senhoria dizer-me. Vossa Senhoria não presenciou o crime?

— Com meus próprios olhos. Foi horrível. Ouvimos barulho e descemos. Meu marido vinha na frente. O homem havia aberto uma das vitrines e enchia o saco de couro preto que tinha na mão. Saltou diante de nós para fugir. Meu marido deteve-o. Na luta, lorde Mannering recebeu duas facadas. Se não me engano, a arma ainda está na ferida. E veja o sangue nas mãos do assassino!

— Vejo-o nas mãos dela —respondi.

— Ela pegou na cabeça de Sua Senhoria, patife desavergonhado! — disse o mordomo.

Nesse momento, entrou um criado trazendo o saco que eu escondera na minha fuga.

— Eis —disse o oficial— o saco e as medalhas de qual falou Vossa Senhoria. Isto basta. Esta noite conservaremos aqui o homem e amanhã o inspetor e eu o levaremos para Salisbury.

— Pobre diabo! — disse a mulher. — Por minha parte, perdoe-lhe o mal que me fez. Quem sabe que tentação o terá impellido ao crime? Sua consciência e a lei asseguram-lhe uma punição que não quero tornar mais cruel com minhas censuras.

Não achava resposta? Não, senhor, não achava resposta, a tal ponto me assombrava essa mulher com sua segurança. E, num silêncio que parecia dar-lhe razão, deixei-me arrastar pelo oficial e pelo mordomo para o celeiro, onde me

fecharam por aquela noite.

Já te contei toda a série de acontecimentos que terminaram com o assassinato de lorde Mannering por sua mulher, na noite de 14 de setembro de 1894. Talvez, como o oficial de justiça de Mannering-Towers e o juiz, não leves em conta minhas alegações. Talvez reconheças nela o acento da verdade. E, escutando-me, serás, talvez, um homem que não se embaraça com considerações pessoais, quando se trata de justiça. Só espero em ti, senhor. Se me relevares dessa falsa acusação, abençoar-te-ei como nunca homem algum abençoou a outro. Mas, se pelo contrário me abandonares, dou-te minha palavra que daqui a algumas semanas estarei enforcado nas barras do meu cubículo e, doravante, por pouco que isto tenha sido permitido a alguém, aparecerei em todos os teus sonhos. O que peço é muito simples. Informa-te sobre essa mulher, vigia-a, revolve seu passado, verifica o emprego do dinheiro de que se tornou dona, verifica a existência desse Edward, que creio estar ligado à sua vida. E se, por acaso, souberes de alguma coisa que vos mostre a verdadeira natureza da pessoa ou que te pareça corroborar a história que te contei, sei que posso contar com o vosso coração para alcançar piedade para um inocente.



“‘DO NOT HURT HIM,’ SAID SHE; ‘I THINK THAT HIS PUNISHMENT
MAY SAFELY BE LEFT TO THE LAW.’”

SOBRE O AUTOR

Arthur Ignatius Conan Doyle (1849 - 1930) é sobretudo famoso por seus contos e romances protagonizados por Sherlock Holmes, o detetive mais famoso de todos os tempos. Doyle, todavia, deixou diversas narrativas curtas que se distanciavam do gênero policial puramente detetivesco. “Um Visitante Noturno”, publicado originalmente no “The Strand Magazine” em março de 1889 (título original: “The Story of B 24”), é um conto de suspense e morte.

Notes

[← 1]

Entretenimento teatral de origem britânica, que mesclava música popular, comédia e espetáculos diversos.